

Dados Estatísticos Referentes ao Matrimônio

— pelo Centro de Documentação e Pesquisa da
UNISINOS (CEDOPE)

As Novas Núpcias de Divorciados são as mais Instáveis

Atualmente, de 20 a 25% dos casamentos nos Estados Unidos são constituídos por novas núpcias, quer de viúvos, quer de divorciados. Em 1917, 87,4% dos casamentos eram de solteiros, 8% eram de viúvos e 4,5% eram de divorciados; já em 1950, essas percentagens foram, respectivamente, de 77, 6 e 17%. Considerável, pois, o aumento das novas núpcias de divorciados, ao passo que a diminuição das de viúvos atribui-se, em parte, a um fator demográfico: "O aumento da longevidade no decurso deste século, particularmente no que concerne ao sexo masculino, tende a postergar a viuvez a idades mais avançadas, quando diminui a probabilidade de novas núpcias" (1). Efetivamente, a grande maioria das novas núpcias acontecem nos anos do meio, quando as pessoas estão nos seus trinta ou quarenta.

Precisamente por serem mais tardias e virem depois de experiências fracassadas, poder-se-ia presumir que as novas núpcias fossem mais estáveis do que as primeiras. Mas os dados disponíveis não parecem alinhar-se nessa hipótese. A pesquisa de Monagam no Estado de Iowa, no período de 1953-55, alegado por Leslie (p. 637), evidenciou, por exemplo, que enquanto a taxa geral de divorcialidade era de 21,9% dos casamentos, foi ela de:

- 79,4% quando ambos eram divorciados duas ou mais vezes;
- 62,1% quando um dos cônjuges era divorciado uma vez e o outro duas ou mais vezes;
- 36,8% quando um dos cônjuges era divorciado já uma vez;
- 34,9% quando ambos eram divorciados já uma vez;
- 16,6% quando era o primeiro casamento para ambos;
- 16,1% quando um vinha da primeira viuvez e o outro era solteiro;
- 9,9% quando ambos vinham de uma primeira viuvez.

(1) LESLIE, Gerald R., *The Family in Social Context*, Oxford Univ. Press, 1967, 629 (veja todo o capítulo 19 sobre "remarriage")

Observa Leslie que todas as pesquisas feitas até agora parecem confirmar a hipótese de que as novas núpcias de divorciados não só são as mais instáveis, mas também elevam sensivelmente a taxa geral de divorcialidade. E conclui: "Estas cifras sugerem que o ajuste matrimonial implica um rigoroso processo de seleção e que o fracasso em conseguir o necessário ajuste no primeiro casamento faz diminuir consideravelmente a probabilidade de ajuste no segundo. Um segundo fracasso faz diminuir grandemente a probabilidade de permanência num terceiro casamento, e assim por diante. Isto leva a reforçar a tese de quem julga que o divórcio traduz muitas vezes carências de personalidade nas respectivas pessoas, e que existe um certo número incompressível de pessoas essencialmente neuróticas que vão de casamento em casamento e de divórcio em divórcio" (p. 638).

EUA: Divórcios e declarações de nulidade do casamento, 1860—1960

Ano	Números absolutos	Porcentagem sobre 1.000 casamentos existentes
1860	7.380	1,2
1870	10.962	1,5
1880	19.663	2,2
1890	33.461	3,0
1900	55.751	4,0
1910	83.045	4,5
1920	167.105	7,7
1930	191.591	7,4
1933	160.920	6,1
1940	256.692	8,7
1945	469.341	14,3
1946	605.754	18,2
1950	371.309	10,2
1955	364.450	9,3
1960	393.000	9,2

Fonte: Gerald R. LESLIE, *The Family in Social Context*, Oxford Univ. Press, 1967, p. 587.

NB: As declarações de nulidade representam ínfima proporção: em 1955 por exemplo, somavam 3% do total de divórcios.

Após o cume atingido nos anos subseqüentes à II Guerra Mundial, a divorcialidade baixou e manteve-se bastante estável nos anos 50. Já na década dos 60 retomou a tendência ascensional: por volta de 1965 o número de divórcios nos EUA orçava o meio milhão por ano.

Para os filhos, o divórcio é menos traumatizante do que a situação conflitual dos pais

O efeito traumatizante para os filhos depende muito da consciência que eles tinham, antes do divórcio, da situação conflitual dos pais. Parece, pois, estar ligado o trauma, não tanto com a ruptura do casamento, e sim com essa situação conflitual. É a conclusão a que chega a pesquisa nesse setor.

Assim por exemplo, Landis (2) encontrou que mais da metade dos filhos de casamentos abertamente infelizes julgavam ser o divórcio a melhor solução para todos: em vez do trauma, um senso de alívio; chocados pelo fato do divórcio declaravam-se, por outro lado mais da metade dos filhos de casamentos aparentemente felizes.

"Mais que dos dramas e traumatismos ocasionados nos filhos pelo divórcio de seus pais — conclui Jeanne Delais (3) —, seria mais exato falar do drama do desentendimento de seus pais. Numerosos testemunhos evidenciam, com efeito, que a atmosfera familiar repleta de disputas e reprimendas perpétuas antes do divórcio, é muitas vezes para os filhos pior do que a separação".

"Estudos estatísticos — escreve Céline Rolin (4) —, têm confirmado o que psiquiatras de crianças e psicólogos já haviam notado: as mais frequentes perturbações constata-se nos lares onde se manifesta abertamente o ódio e o sofrimento, mas onde os pais continuam a viver juntos. Eis porque semelhantes-situações são mais vexatórias e mais dramáticas do que a dissociação do casal, por que são elas suscetíveis de perdurar indefinidamente". E citando J. Louise Despert (5): "Não é o divórcio, e sim a situação emocional do lar que é o fator determinante na adaptação da criança. Um casamento infeliz mesmo sem divórcio — é o que nós chamamos um divórcio emocional — pode ser bastas vezes mais deletério para a criança do que o próprio divórcio. Nem todos os filhos do divórcio se encontram em dificuldades. Muitos deles chegam a um novo equilíbrio e nova estruturação de suas vidas. Os filhos do divórcio não constituem senão uma fração dos filhos infelizes. Podemos ser ainda mais taxativos: onde o divórcio é emocional, embora não expresse abertamente, maior é o sofrimento dos filhos. Pode-se pagar bem caro uma união à custa dos filhos".

- (2) JUDSON T. LANDIS, "The Trauma of Children When Parents Divorce", *Marriage and Family Living* 22 (Febr. 1960) 7—13, citado por LESLIE op. cit. (1967) 616 s.
- (3) Jeanne DELAIS, *Le dossier des enfants du divorce*, Gallimard Paris, 1967, 185 pp.; citado em *Population* 23 (mai-juin 1968) 3, 564, s.
- (4) Céline ROLIN, *La femme devant le divorce*, Casterman, 1968, 217. A conclusão é confirmada por Jean Lemaire, presidente da Associação francesa dos centros de aconselhamento conjugal, cfr. Jean G. LEMAIRE, *Les conflits conjugaux*, Les Edit. ESF, Paris, 1970, 207 pp.
- (5) J. Louise DESPERT, *Les enfants du divorce*, Presses Universitaires de France, Paris, citado por Céline Rolin op. cit., p. 154, a qual põe em dúvida essa conclusão no caso em que os divorciados contraem novas núpcias (pp. 155—58).

Quanto ao efeito das novas núpcias de divorciados sobre os filhos, nota Leslie (6), "a pesquisa indica que a adaptação é melhor do que nos lares desfeitos ou conflituais, embora seja inferior à dos lares felizes e intatos. A maioria das mães casadas de novo declararam-se satisfeitas com a adaptação dos filhos. Testes de personalidade aplicados aos próprios filhos não apresentam diferenças relevantes em comparação com os de filhos de lares intatos".

É, pois, colocar mal o problema perguntar-se qual das três situações é ou não é traumatizante para os filhos — o estado conflitual dos pais, o desquite ou o divórcio. Todas as três são traumatizantes e o problema verdadeiro é saber-se: qual das três é a menos traumatizante. O resultado da pesquisa científica no setor — a única competente para responder ao quesito — indica claramente que a situação menos traumatizante para os filhos (e para os pais) é o divórcio, e a mais traumatizante é a situação conflitual dos pais mesmo sem desquite e divórcio.

Quanto à delinqüência juvenil, toda uma série de pesquisas revelou fraca correlação entre ela e o divórcio dos respectivos pais. Mais significativa é a correlação da delinqüência juvenil com o fator de estar o lar privado de um dos pais, seja por viuvez, seja por desquite mesmo sem divórcio. Daí concluir-se que "existe forte presunção de que a variável crucial no caso vem a ser, não o divórcio, e sim a desorganização do lar". (7).

A Modernização nem sempre leva a maior instabilidade matrimonial

Segundo o antropólogo Murdock (8), todas as sociedades sempre tiveram dispositivos institucionais para anulação de casamentos e a divorcialidade em cerca de 60% das sociedades primitivas (**preliterate**) era mais elevada do que a americana nos dias de hoje (que incide sobre 1/4 a 1/3 dos casamentos).

Note-se, porém, que se tratava, não propriamente de "divórcio" no sentido moderno da palavra, e sim de "repúdio" da mulher. De resto, como "família" era então o agregado extenso de parentesco, não os núcleos conjugais como é hoje, essa "divorcialidade" elevada não era incompatível com a "estabilidade estrutural" da família.

Também o Japão apresentava, até 1920, uma divorcialidade superior à americana, o que se explica pela mesma razão. Compreende-se então que, no Japão, como em países semelhantes da Ásia, a nucleari-

(6) Gerald R. LESLIE, *The Family in Social Context*, Oxford Univ. Press, 1967, 657.

(7) Id. ib. 618; cfr. S. GALLO, *Educazione Familiare e Società*, La Scuola, Brescia, 1968.

(8) George P. MURDOCK, "Family Instability in Non-European Cultures", *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 272 (Nov. 1950) 197 ss; citado por Gerald R. LESLIE, *The Family in Social Context*. Oxford Univ. Press, 1967, 584 ss.

zação da família decorrente do processo de industrialização-urbanização, acarrete uma diminuição da divorcialidade.

O mesmo se observa nos países muçulmanos, por exemplo, na Argélia, onde, por volta de 1900, era a divorcialidade quatro vezes mais alta do que a americana; a modernização veio trazendo uma diminuição desses casamentos rompidos, de sorte que, nos anos quarenta, já se situava a divorcialidade argelina abaixo da americana.

Divórcios por mil casamentos em diversos países, 1980-1960

Países	1890	1900	1910	1920	1930	1940	1950	1960
EUA	55,6	75,3	87,4	133,3	173,9	165,3	231,7	258
Alemanha	—	17,6	29,9	40,7	72,4	125,7	145,8	80
Inglaterra/Gales ..	—	—	—	8,0	11,1	16,5	86,1	81
Austrália	—	13,6	12,4	20,4	41,2	41,6	97,3	91
França	24,3	26,1	46,3	49,4	68,6	80,3	106,9	96
Suécia	—	12,9	18,4	30,5	50,6	65,1	147,7	165
Iran	—	—	—	—	—	194	211	173
Egito	—	—	—	—	269	273	273	238
Argélia	370	352	288	396	286	292	161(1955)	
Japão	335	184	131	100	98	76	100	87

Fonte: Gerald R. LESLIE, *The Family in Social Context*. Oxford Un Press, 1967, 586 (NB. "The above rates compare marriages in a given year with divorces occurring to marriages from previous years".)